

ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal e Hespanha:
Ano 12150 -- Semestre 6,25
Colonias Portuguezas:
Ano 18300 esc.
Estrangeiro [exce. Hespanha]
Ano 31300 fortes

Numero avulso, \$25

Redação e administração

Rua da Sé

AVEIRO

ORGÃO DA SEMANA

Proprietario, Director e Editor — HOMEM CHRISTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal:
A linha, corpo 10 — 800,00
Na pag. de anuncios:
A linha, idem, — 600,00

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Comp. e Impr.

Tipografia NACIONAL

A VAPOR

Rua dos Santos Martires

AVEIRO

Politica e Finanças

Diziamos no ultimo artigo que a libra, em França, estava a 100 francos. Depois d'isso chegou a 110. Portanto a situação piorou. E tem sido esse o assumpto dominante, o que occupa todas as atenções, n'aquelle grande paiz. Fala-se n'elle com o mesmo alarde e excitação que se o inimigo batesse as portas de Paris.

Aqui, pode a libra dar os saltos que quizer que fica tudo na mesma. Santo paiz! Mas porque desceu o cambio? Só pela especulação estrangeira? Que esta existe, não ha duvida. Os jornaes franceses, chegados esta semana, trazem a prova positiva. O banco Morgan-Harwood, fundado ha pouco em New-York, dirigiu milhares de cartas aos membros do clero protestante, pedindo-lhes que vendessem e fizessem vender o franco a baixo preço, a fim de arruinar o credito da França.

Diziam as cartas, entre outras coisas:

Um outro conflicto armado está em perspectiva se a situação europeia não se resolve. A França aspira á hegemonia politica e o seu exercito é o mais poderoso do mundo. Milhares dos nossos irmãos na crença lutherana perderam a esperança e milhares tem abandonado o gremio da igreja. Devemos reanimar a sua fé patriótica. A Alemanha é esmagada por uma nação de religião diferente da nossa. Morrerá o lutheranismo na propria terra que lhe foi berço? Temos um meio de o impedir. O dinheiro é o sangue de uma nação, e se o credito francês ficar inteiramente arruinado, a França será cogida a pôr-se de joelhos. Aniquilemos o franco. E a nossa arma contra a arrogancia francesa.

Iam juntas a essas cartas ordens de vendas e affirmava-se que a torrente de dinheiro francês, que appareceu no mercado, era consequencia d'esse apello ao patriotismo dos germano-americanos, que são multissimos.

Mas sendo essa uma das causas, não é a causa unica, pois as causas das oscillações dos cambios são complexas. Confessam-no os próprios franceses. O Temps, de 9 do corrente, n'um artigo intitulado *La Crise des Changes* (A crise dos cambios), escreve: «Os nossos leitores sabem quanto são complexos os factores que operam sobre o cambio. Sabem tambem que a repercussão de muitos d'elles é de ordem puramente psychologica e portanto singularmente difficil de precisar». A *Revue Française*, de seu lado, diz, na sua secção *La vie financière*: «A baixa do franco não é sempre, diga-se o que se disser, obra da especulação estrangeira. A sua causa principal parece ser a inquietação que começa a attingar as camadas profundas do grande publico. (La baisse du franc n'est pas toujours, quoiqu'on l'ait dit, l'œuvre de la spéculation étrangère. Sa cause principale paraît être l'inquiétude qui commence à gagner les couches profondes du grand public). Pois está claro. A causa principal, lá, como aqui, como em toda a parte, é a falta de confiança, é a inquietação publica. São os elementos d'ordem psychologica, como lhes chama o Temps, ou os factores moraes, como eu lhes venho chamando ha annos. Nem ha especulação que pegue quando lhe falte o motivo ou o pretexto. Bem me importa a mim a especulação, sem base em que asente. Nesse caso, quem fica mal são os especuladores».

Eu falo n'estes assumptos lá de fóra, porque, sendo identicos aos nossos, não ha melhor maneira de esclarecer o espirito dos leitores, levando-os a fixar idéas. E é exactamente d'isso que se precisa em Portugal, de fixar idéas. Por todos os lados este processo é vantajoso. Sabendo o que se passa lá fóra, os leitores não se deixam illudir, quando estes tratantes de cá pretendem acobertar com as difficuldades estrangeiras os seus enormes crimes. Ao mesmo tempo, vendo como os outros encaram e resolvem as questões, ficam conhecendo o unico caminho que temos nós aqui para as resolver.

A maneira por que a camara dos deputados domorou a discussão das propostas financeiras, apresentadas pelo governo para atacar a crise, produziu uma deploravel impressão no estrangeiro. E' na vida das nações como na vida dos individuos. Um sujeito, que administrou mal os seus negocios, só convencendo os credores de que é capaz de emenda, readquire, da parte d'elles, a confiança perdida. Mas não é a adiar, a tergiversar, a chicanear que os convence. E' com decisões rapidas, intelligentes e energicas. E' com actos que não deixem a menor duvida sobre a sua sinceridade. Estava ou não estava a França disposta a pôr termo á crise que a ameaçava gravemente? Se estava, como se entreteinha a camara em especulações e retaliações politicas? Essa infeliz attitudão não podia deixar de impressionar, muito desagradavelmente, como impressionou, a opinião publica nacional e estrangeira. De tal modo, que Poincaré, para evitar a continuacão do mesmo espectáculo no Senado, avisou-o de que pediria a demissão se não começasse a discutir as leis já votadas pela camara, quinta feira que passou.

Outra pessima impressão foi a do augmento da circulação fiduciaria accusado pelo balanço do Banco de França. Não pode ser, diz o Temps no seu artigo. Ou paramos n'essa onda, mantendo tanto quanto possível intactas as realidades economicas e financeiras da hora actual, ás quaes cedo ou tarde o nivel das dividas estrangeiras será forçado a ajustar-se, ou oppomos uma resistencia energica á vaga sempre crescente do augmento dos ordenados e salarios, portanto ás ameaças de nova inflação, ou as coisas tomam um rumo desgraçado, um rumo muito triste.

Para a França? Oppõe ella a resistencia energica á vaga sempre crescente do augmento dos ordenados e salarios, deixando de recorrer á circulação fiduciaria? Oppõe, para, trava a roda, e com decisão inabalavel, para a França não é a Alemanha e muito menos Portugal. A Allema-

nha, governantes e governados, poderes publicos e particulares, jogou de proposito na baixa para se subtrahir á obrigação das reparações, deixando ficar n'esse ponto letra morta o tratado de Versailles. Foi uma nova batalha, que intentou e que perdeu, como a outra, de forma ainda mais desastrosa. Portugal, esse, não teve plano nenhum. Aqui a coisa foi mais simples. As quadrilhas politicas, todas, de mãos dadas, assaltaram o erario. Os correcioneiros, de todas as cores, combinados, puseram isto a saque. E não só não foram executados na praça publica, pela justiça official ou particular, esta a tiro, á facada, á dentada, á bomba de dynamite, de qualquer forma, legitima consequencia da indignação popular, como seria justissimo e necessario, se não é possível constituir n'esta terra um tribunal, e erguer em frente um cadafalso, para julgar e executar sem piedade tamanhos miseraveis, não só não foram executados na praça publica mas continuam a dirigir-nos, a governar-nos! Se o crime d'esses sicarios, como tantas vezes temos dito, é, no genero, o maior crime da historia, tambem nunca se viu povo tão desprezível, beijando a sinda por cima a mão que o rouba e deshonra, como o d'este Portugalorão, d'esta terra que se vai tornando odiosa.

Não, a França é outra coisa. A França, onde, aliás, são justificados, justificadissimos, todos os embaraços, como temos demonstrado e todos sabem, a França pára no resvalar para o abysmo, a França vence a crise, que ameaça submergila, com decisão e coragem, a França ressurge, a França salva-se. No *Matin*, de segunda feira 10 de Março, lê-se, textualmente:

Pendant que le Parlement discute, l'offensive contre le franc continue en Europe et en Amérique. Les marchés étrangers ont été frappés du fait que dans le dernier bilan de la Banque de France il y avait 921 millions d'émissions de billets, ce qui fait que, pour atteindre la limite, fixée par la loi de 41 milliards, il ne faut plus que de quelques centaines de millions. D'autre part, les avances de la Banque à l'Etat sont également à peu de distance de la limite légale. Ces faits n'ont pas échappé aux ennemis de la France. Ils se sont hâtés de dire que désormais la route était ouverte à l'inflation, qu'une nouvelle convention interviendrait entre la Banque et l'Etat et que notre monnaie suivrait la route du Mark.

Hier matin, à l'Elysée, sous la présidence de M. Millerand, a eu lieu une réunion d'une extrême importance.

Traduzamos:

Emquanto o Parlamento discute, a offensiva contra o franco continua na Europa e na America. Os mercados estrangeiros ficaram impressionados com o facto do ultimo balanço do Banco de França haver denunciado a existencia de 921 milhões d'emissão de notas, donde se conclue que para attingir o limite, fixado pela lei, de 41 bilhões, só faltam algumas centenas de milhões. Por outro lado, os adiantamentos do Banco de França ao Estado estão igualmente a pouca distancia do limite legal. Estes factos não escaparam aos inimigos da França, apressando-se a dizer que d'ora avante ficava aberto o caminho á inflação, que adotaria uma nova convenção entre o Banco e o Estado e que a nossa moeda seguiria o caminho do marco.

Hoitem de manhã, no Elysée, sob a presidência do sr. Millerand, realizou-se uma reunião d'extrema importancia.

A essa reunião assistiram o presidente do ministério, o ministro das finanças, o governador, os dois vice-governados e os membros do conselho geral do Banco de França. E n'ella se resolveu:

1.º Não recorrer mais á circulação fiduciaria. Em nenhum caso!

2.º Equilibrar o orçamento cuate o que custar!

3.º Não admittir que succeda no Senado com a discussão das medidas de salvação publica o que succedea na camara dos deputados. Nenhum governo se prestará a associar á responsabilidade dos membros das duas camaras em novos adiantamentos a sua propria responsabilidade.

Estas resoluções, lá, são tomadas a sério. Não ficam letra morta. Nem eu quero que os leitores prestem attenção ao que se passa em França senão para se convencerem da enormissima gravidade da situação em Portugal. Como tenho dito, e não cessarei de repetir, as difficuldades financeiras da França estão plenamente justificadas. Ella tem a sua favor essa grande força moral. Sobre nenhuma nação recahiram, como sobre ella, tantos encargos. Teve sete provincias invadidas e arrasadas. Sete provincias subtrahidas ao seu dominio, sobre as quaes não podia lançar impostos. Sete provincias que reconstruiu sem obter da Alemanha os tributos a que esta se obrigara. Occupou o Ruhr, no que gastou sommas enormes. E, todavia, a depreciação da sua moeda é de quatro para trinta e cinco, ou pouco menos, entre nós. Pois basta ser de quatro para que tudo se alarme, se agite, se movimente, n'uma sensação extraordinaria. Para que a patria seja considerada em perigo. Para que se proclame o que elles chama a batalha do franco, comparando-a, como compararam, á batalha de Verdun. E assim como juraram a si proprios vencer em Verdun, como venceram, recorrendo a um extraordinario esforço de vontade, assim juraram agora vencer, e venceram, na batalha do franco. E venceram, porque põem n'isso o mesmo extraordinario esforço de vontade.

E nós? Que comparação ha entre o que se está fazendo em França e o que se está fazendo entre nós?

Pelo periodo financeiro que termina em 31 de Março, vê-se que as receitas inglesas excedem

as despesas em vinte e nove milhões e meio. A divida fluctuante ficou em menos cincoenta e sete milhões do que em igual periodo do anno passado. O ministério trabalhista, continuando a admiravel administração dos ministros anteriores, vai diminuir as despesas, no periodo economico que começa em 1 de Abril, em quarenta e cinco milhões de libras esterlinas, o que provoca ao Temps, n'um excellent artigo intitulado *N'Empruntez Plus!* este commentario:

«Poder-se-hia pensar em augmentar as despesas, dizendo-se que o Thesouro está bastante rico para pagar um pouco mais. Mas na Inglaterra o governo operario do sr. Mac-Donald escapa a essas tentações, como o ministério burguês, seu predecessor. Longe de augmentar as despesas publicas, diminue-as n'uma somma que, ao cambio actual, vai alem de quatro bilhões e meio de francos francêses. E assim ser-lhe-ha possível propor algumas novas reduções d'impostos. Já se fala em abaixar os direitos sobre o assucar e sobre o chá. Fala-se tambem em supprimir ou reduzir a taxa sobre os divertimentos publicos. O secretario d'Estado do interior já declarou que voltaria a sua suppressão».

Quatro bilhões e meio de francos! Quasi tanto como a contribuição de guerra, que foi de cinco bilhões, que a Alemanha, depois de 1870, impoz á França pelo tratado de Francfort! Isto depois de um anno economico que fecha com vinte e nove milhões e meio de superavit! E lembrar-me eu de que o sabio e genial financeiro Cunha Leal foi para a Sociedade de Geographia gritar que as economias dariam quatro vintens, quando ministro das finanças dos populares! Essa deixa-o assignalado.

Em todos os paizes, os de maior bom senso e saber, os de mais largas vistas, os de mais forte envergadura, a França, os Estados Unidos e a Inglaterra, a redução a todo o transe, e formidável, das despesas publicas, está na base da regeneração nacional. Em todos elles a economia é o alicerce do edificio financeiro do Estado. Cheios de especialistas de finanças, de sabios economistas, todos elles adoptam e põem em pratica os principios que, quando era creança, eu ouvia apregoar ás mulheres do povo analphabetas d'esta terra desgraçada. Quantas vezes eu lhes ouvi dizer: «Duas creanças fazem tanto como uma, três fazem menos do que duas, e quatro não fazem nada! Muita gente junta não se salva». «Quanto mais se lhes dá menos meiem». «Mestre fór, dia santo na loja». E outras verdades eternas, de boa administração, de boa direcção, de boa fiscalização, que vejo hoje, n'este paiz mais do que em qualquer outro, absolutamente confirmadas.

E' pela redução das despesas publicas, profunda, larga, grande, enorme, formidavel, e não essa troca, essa burla que ahi vai, e pela simplificação e moralização dos serviços, é pondo cobro aos tremendos abusos que nos corroem, é correndo á vassourada, ou a chicote, os mandamentos, venaes e incapazes, que como dos outros paizes, havemos de começar. Gastar menos e colher mais. Tirar todo o proveito dos impostos existentes antes de recorrer a novos impostos, pois o ideal não é recorrer a novos impostos gastando mais, mas gastar menos para, sempre que seja possível, diminuir os velhos impostos, como faz a Inglaterra, que n'isso tem o segredo da sua força espantosa.

Ha homens para isso em Portugal? Homens que o possam fazer desde já? Isto salva-se. Não ha? Rezem-lhe por alma.

Homem Christo.

Mortos e Vivos

Escrevem-nos:

Permitta-me V. Ex.^a que, como respeitador dos mortos, proteste contra a burla do dobre de finados, ex^{mo} sr., porque os sinos não dobram, como em toda a parte do mundo. Quando não podem dobrar, como nas grandes capitães, imita-se com perfeição o dobre plangente. Em Aveiro sacodem-se os sinos, simplesmente, fazendo perder ao dobre de finados toda a sua imponencia, o tom triste e recolhido que reclama dos vivos uma oração ou uma saudade pelos que morreram. E' um mercantilismo torpe, o do sineiro, que se não quer ralar, e o d'aquelles que o consentem. Uma nova forma da ceça ao bsguinho com o menor esforço possível.

Não seria melhor acabar com essa burla?

Muito melhor. Deixe estar que em nós morrendo, não tocam elles. Essa partida pregamos nós ao sineiro.

Mas a falta de respeito pelos mortos não se limita a isso, em Aveiro. Aqui, logo que os pobres diabos fecham olh^{os}, põem-nos fora de casa, deixando os entregues a mercenários, não raro, que vão para a taberna molhar a palavra, em vez de velar por elles. Soldam os caixões sem as horas legais terem decorrido, e até cortam as pernas aos cadáveres quando elles não cabem nos caixões, por engano na medida.

Agora, no Japão, quando dois medicos declaravam morto e bem morto o principe Matsukata, desatou elle a mexer-se, começando, em seguida, a falar. Por um triz que não é enterrado vivo, o desgraçado!

Este facto deu logar a que os homens de sciencia detodo o mundo voltassem a preocupar-se com a questão dos mortos-vivos, que não são tão poucos como se julga.

Enquanto se não descobre o meio seguro de verificar a morte, logo que ella se dê, determina a França que ninguém seja enterrado, nem chumbados os caixões, antes de decorrem 48 horas sobre o fallecimento. Em Aveiro... é o que fica narrado anteriormente.

E' tão certo alguns pobres diabos terem ido vivos para o caixão, ou para a cova, como nós estamos agora traçando estas linhas.

CARTAS DE LONGE

A' venda em todas as livrarias do paiz.

FACULDADE DE LETRAS

Escrevem-me:

«Mas você esqueceu-se de dizer que, depois de feito doitor pela sua panellinha e não pela Faculdade,—sim, não foi a Faculdade que o fez doitor, foi a sua panellinha de creadas de servir, como você lhes chama,—foram todos para a Lixa, onde se lixaram e embebedaram n'uma bacchanal desenfreada.

E aquella coisa d'elle ir para o cemiterio, no enterro do pae do Anão Asnã, dizer que se estava ali porque o filho do morto lh'o tinha supplicado?

Sabe d'isso? Imbra injuriou em vida o pae do Anão Asnã, como você já relatou n'esse periodico. Não querendo que o tomassem como incoherente, e o eterno canalha que todos sabem, no enterro sabiu-se com essa, ao tomar a palavra no cemiterio. Que estava ali, porque o filho do morto o havia convidado!

Só um mariola d'aquella casta seria capaz de tal baixeza. Mas como o Anão Asnã ainda é mais canalha do que elle, tão canalha pelo menos,—Arcaes ambo,—não foi má piada».

Já tinha ouvido contar isso do enterro do pae do Anão aos meus amigos Narcizo de Azevedo e João José de Almeida. Vejo-o agora confirmado. E, com effeito, inda é mais reles o Asnã!... Que grande bandalho!

Escrevem-me tambem o meu amigo João de Lemos, do Bragado (Pedras Salgadas):

«Acabo de ler no penultimo numero de «O de Aveiro», ainda só agora recebido, que o illustre professor Urbano Soares Ths affirmara que a má vontade do Imbra contra V. Ex.^a se vinha manifestando em surdina de longe. Pois vem. Data de 30 de Novembro de 1919. Nem V. Ex.^a o sabe tão bem como eu! E resulta de V. Ex.^a me permittir que eu comettesse o sacrilegio de desacatar aquella divindade superior, pondo em duvida a sua impulsião moral, pelo seu procedimento havido comigo, desistindo-me de um cargo que eu estava exercendo á face da lei, d'ele me exonerando sem forma nenhuma do processo juridico. Esse homem corrupto, esse ministro indigno, esse charlatão que declamava nos pulpitos politicos, entamecendo as bochechas de respeito á Moral e ao prestigio da Lei, não teve pejo de dar a demissão a um funcionario do Estado, honesto, fiel cumpridor dos seus deveres, fiel como poucos ao regimen, para brindar com esse mesmo cargo um apañado da sua panellinha.

E depois, porque eu lhe lancei em rosto o seu crime nas columnas do seu destemido periodico, perseguiu-me, obstando á minha reintegração e passando a nutrir contra V. Ex.^a fundo resentimento. V. Ex.^a reconheceu isso mesmo, na carta em que falava da conveniencia de não publicar o meu primeiro artigo, sem duvida muito mais violento do que o segundo, que foi o que saíu á luz. Este era tão delicado em face daquelle, que até chegava a ser elgioso. E porisso V. Ex.^a o publicou. Mas ele não lhe perdoou o termo V. Ex.^a dado a palavra na sua preciosa tribuna. Quer que lh'o prove? Talvez o faça com documentos. Mas—segredos designios de Deus!—mal sabia o malandrão, funesto á minha estrela, quando estava lavrando o decreto da minha destituição, que estava lavrando tambem o da sua propria condemnação. E V. Ex.^a sem querer, sem o suspellar, e o encarregado da Providencia como executor da sentença da divina justiça. Certo é que Deus escreve direito por linhas tortas e que ninguém escapa ás suas emanantes sanções. Não sou vingativo e até folgo de pagar o mal com o bem. Mas, se a vingança fosse o prazer dos mortaes humildes, como é dos deuses eternos, aqui estava eu agora bem vingado! Não acha extraordinario este facto, egrégio Amigo Homem Christo? Pondere sobre ele e verá que dá certo. Sem vaidade posso eu afirmar que sou a base primaria, inicial, da sua alta e moralisadora campanha contra o inculto Imbra. E agora me orgulho do meu sacrificio, que embora longinqua e indirectamente, contribuiu para libertar a nossa sociedade, verminada das mais perigosas bacterias, de uma das suas celulas mais decompostas e apodrecidas».

Com effeito, pedi ao meu amigo João de Lemos que modificasse o primeiro artigo por ser muito violento, pois, embora essa violencia fosse justa e merecida, não queria dar motivo a que o homem tivesse, contra mim, de que se queixar. Se d'ahi veio, da publicação do artigo modificado, o rancor do canalha, ignoro. Mas o que eu vi sempre que elle não perdoava era o meu silencio em face das rotumbantes hosanicas com queos outros o aclamavam, da exaltação dos seus feitos e palavras. Não via o miseravel que o maior favor que eu lhe podia prestar, como agora está demonstrado, era calar-me. O parvo, o grande parvo, grande pulha, mas, acima de tudo, como todos elles, grande parvo, que ouzava esperar de mim, de mim, que todo o mundo conhece, elogios bombasticos!

Ainda assim, como já contei, usava com elle de uma certa cortezia. Não lhe tolerava abusos, porque nunca os tolerarei a ninguém, e, quando elle erguia a pata, ou tentava ergue-la, fazia-lhe de prompto recuar. Mas era cortez com o desgraçado, a ponto de lhe dirigir, emfim, quando elle foi ministro da segunda vez, duas palavras amaveis. Já no fim, em vespasas d'aquella sucia me dá o coice que me levou a azorragala, escreveu-me o chancelier Damião Peres a pedir-me que fosse á Faculdade votar no Imbra para membro do Conselho Superior de Instrução Publica. E eu fui, na linha de discreta cortezia em que me queria manter. Mas o miseravel, que não comprehendia a minha attitudão, convenceu-se de que podia mangar. Elle e a sucia. Querem melhor prova do valor d'aquelles annos?

Descanse o sr. João de Lemos, que tambem como ministro, já o prometti, hei de analizar o canalha. Elle já está esfrangalhado. Mas eu quero mais. Quero reduzir a pó esse bandalho.

N'outra carta, conta me terceira pessoa toda a biographia do heros, desde o collegio de Nossa Senhora do Carmo, de Penafiel, dirigido pelo padre Vinhos. Diz-me o nome de quem lhes colheu as primicias, do perfeito do collegio que, por ordem do padre Vinhos, deu uma tunda munda nos dois desavergonhados, e d'aquelle que assistiu, como testemunha, á offerta e colheita das primicias, e que hoje é professor no lyceu de tal. Tambem faz o favor de me enviar a celebre tabella de preços affixada em Coimbra, na porta do quarto. Dois mil reis cada dormida. Para o tempo, era bem pago. Havia socios avulsos, effectivos e honorarios. O mais querido d'estes ultimos, cujo nome vem escripto com todas as letras, é hoje professor n'um dos lyceus do Porto. Não está bem. Deve ser transferido para a Faculdade do Olho Só. Recomendamos, osamos recomendar, esse servico patriótico ao sr. Presidente da Republica, que nunca sae do caminho do recto, segundo diz em Lisboa o maroto do Brito Camacho, e que declarou, ao visitar, no Porto, a Faculdade do Olho Só, que conhecia e admirava aquelles sabios e as suas obras.

Está confirmado o dicto do Camacho. Mantendo-se no caminho do recto, Sua Excellencia o Senhor Presidente da Republica não podia deixar de admirar... aquelles sabios e as suas obras! São sentimentos que lhe ficam muito bem.

Emfim, n'uma quinta e derradeira epistola perguntamos-nos se sabemos que differença ha entre o Imbra e o ministro da guerra actual. E' facil, embora nunca nos tivessemos dado ao estudo e pratica de enigmas e charadas. O ministro da guerra, que não é invertido, tem o co adeante: Americo. E o Imbra, que é invertido, tinha dantes o co atrás: Coimbra. Sempre tudo ás avessas e destrambelhado n'esta patria!

O ministro da guerra lava o co: Americo-lavo. O Imbra, quando o tinha, nunca o lavou, creio que em virtude d'aquelle proverbio que diz: em tempo de guerra não se limpam armas.

Não será isto, amigo epistolographo? Se não for, pergunta-se ao Cardina, auctor d'aquella immortal poesia feita em honra do Imbra, e por amor do Imbra, e dedicada ao Imbra, e que, dirigida ao Imbra, terminava d'esta forma:

—Creador da Verdade,
Fala do grande Alem—
Sacerdote do Belo,
Sacerdote do Bem—
A tua voz esmagava
—A tua voz faz bem...
Ouvimos-te, e sentimos
que nos redime Alguem.

A tua voz faz bem... Ai... ai... fi... fi... lho, que... que... te... te... de... derretes! Qui... qui... naste, filho? E fazes versos qu... qu... ando quinas, gran... gran... de filho da mãe?

Os leitores conhecem sem duvida a historia do quinei. E digam-me se aquillo não são, em verdade, versos feitos na hora do qui... qui... nei!

Até o sr. Presidente da Republica, se quizesse por um instante sahir do caminho do recto, como diz o nosso Camacho, em que Sua Excellencia persiste constitucionalmente em se manter, para maior prestigio e gloria das instituições, e fosse capaz de cinco minutos de bom humor, havia de concordar que sabios d'estes, com taes obras, só empalhados, como papagaios, para offerecer, como raridade da especie lusitanocurfome, ao Museu Zoologico de Londres.

Vossa Excellencia conhece, Senhor Presidente, E' uma das mais bellas coisas de Londres. Já lá almocei. Não com Vossa Excellencia, lá a dizer... não tive essa honra. Mas lembrei-me que depois de V. Ex.^a, por obrigação do seu cargo,—não ha n'isto offensa á pessoa de Vossa Excellencia,—haver almoçado com o Arthur Leitão e outros que taes, já ninguém pode ter honra em almoçar com o Presidente da Republica Portuguesa. Não foi com Vossa Excellencia. Foi com duas pessoas muito dignas, o sr. Conde de Magalhães e o sr. Luis de Magalhães. Dentro do edificio do Museu ha, como Vossa Excellencia sabe, um excellent restaurant.

Portugal tinha um dia de successo, passe o gallicismo, em toda a Inglaterra, se mandasse empalhados para o Museu Zoologico de Londres os sabios, pelos quaes tanta admiração manifestou o Senhor Presidente da Republica Portuguesa, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Não havia sabio nenhum da Gran Bretanha que, ao ver o Cardina empalhado, elle, já uma raridade sem olhos de vidro e pelo seu pé, não acreditasse na nova especie lusitanocurfome. Principalmente se os empregados do Museu, que tanta arte denunciam na disposição dos exemplares, lhe pusessem ao lado, do joelhos, o Preto de S. Jorge, e na sua mão direita estendida, sentado, o lindo Anão Asnã, á laia do menino salvador do mundo.

Mas vamos agora a uma peça inedita, o processo disciplinar, sem publicidade, e sem exame, até hoje. Queriamos primeiro que o publico ficasse bem convencido de que aquillo não passa d'uma ignobil, d'uma torpe chafarica, que o Estado, emparvoecendo mais ainda a mocidade estudiosa, só mantem, n'esta crise angustiosa de dinheiro que o paiz atravessa, para uso, proveito e gloria do Imbra. Hoje, que os leitores estão convencidos, chegou a hora do celebre processo vir á luz.

Começemos:
Aos vinte e sete de Janeiro de mil novecentos e vinte e tres, reuniu-se o Conselho da Faculda-